



**Tribunal de Justiça
do Estado do Maranhão**

CLIPPING IMPRESSO

18/03/2019

INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. ASSESSORIA.....	1

Quem foi de aço nos anos de chumbo

ANTONIO CARLOS LUA
Jornalista/Advogado

A Estação Primeira
Mangueira – a
tradicional verde e rosa
do Carnaval carioca –
trouxe a memória dos
heróis brasileiros
marginalizados para a
Sapucaí, no Rio de
Janeiro.

Os versos do samba-enredo fazem memória a “quem foi de aço nos anos de chumbo”. Em outros tempos bicudos, o escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro, Oswald de Andrade, certamente afirmaria que “a alegria é a prova dos nove!”.

A verdade é que se a nossa atual política causa espanto mundo afora, o Carnaval continua sendo nosso apogeu estético e – por que não, político – onde as feridas de um país machuca-

do sangram sob os pés dos passistas, que no esplendor de sua arte popular revelam o Brasil da diversidade étnica, religiosa e cultural.

Dos versos do samba-enredo da Estação Primeira Mangueira – “História para ninar gente grande” – sobram referências à história oficial que é colocada em contraste com as violações às mulheres, à população negra e à personagens marcantes como Dandara.

Mulher guerreira,
obstinada por liberdade,
Dandara – mulher de
Zumbi com quem teve
três filhos – se suicidou,
em 1694, para não voltar
novamente à condição
de escrava. Até hoje não
se sabe a sua verdadeira
origem. Não há registro
histórico que confirme

se ela nasceu em terras
brasileiras ou na África.

Presume-se que sua ascendência tem ligação com a nação africana de Jeje Mahin, culto dos Voduns da região Mahi a noroeste de Abomei. Dentre os daomeanos escravizados, uma mulher chamada Ludovina Pessoa, natural da cidade Mahi foi escolhida pelos Voduns para fundar três templos na Bahia.

No dia em que Zumbi teve a cabeça decepada num golpe à resistência negra, um ano e nove meses já teriam transcorrido desde a morte igualmente trágica de Dandara, face feminina do Quilombo de Palmares, que se tornou um importante símbolo da resistência à escravatura.

Além de Dandara, existiram outras mulheres guerreiras no tempo da escravidão, a exemplo de Maria Felipa – heroína da independência da Bahia e, por conseguinte, do Brasil – e Luísa Mahin, líder dos Malês e participante da Sabinada.

Porém, o olhar racista dos livros didáticos ignoram e não reconhecem o papel dessas mulheres, cuja história é diretamente associada à resistência protagonizada pelo povo negro durante mais de 400 anos de escravidão.